

Entender, Pensar e Significar

Maurício José de Andrade Micheletti (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: João Vergílio G. Cutter

Muitas tentativas de aproximar Wittgenstein do ceticismo têm sido feitas, a despeito do fato de que o próprio Wittgenstein contestava essa aproximação (TLP, 6.51; OC, 115). É claro que, essencialmente no segundo Wittgenstein, ou seja, no Wittgenstein posterior ao *Tractatus Logico-Philosophicus*, as noções de jogos de linguagem e de terapia filosófica dão margem a especulações e utilizações dos mais diversos tipos¹. A intenção deste breve trabalho é, após uma pequena exposição do que foi a filosofia do Wittgenstein pós-*tractatus*, examinar as semelhanças e as diferenças entre o pensamento desse filósofo e o ceticismo, mais especificamente o ceticismo grego, também chamado de pirronismo.

Inicialmente deve ficar bem claro que Wittgenstein não se considera um filósofo tradicional, pois a filosofia tradicional deveria lidar com os fenômenos para ver através deles (PI, 90) ou com as coisas para ver através delas (PI, 92), e esse “ver através de” levaria ao conhecimento da essência das coisas, que é algo que se esconde por trás das próprias coisas. A tarefa da filosofia tradicional seria então, para Wittgenstein, descobrir essa essência através da análise dos fenômenos ou das coisas.

Ora, Wittgenstein não aceita a filosofia tradicional, pois para ele a filosofia não deve lidar com fenômenos ou coisas, mas sim com a “possibilidade” dos fenômenos, com a “maneira das afirmações que fazemos sobre os fenômenos” (PI, 90). Para ele não se pode confundir o domínio semântico com o domínio das coisas, e é justamente essa confusão que a filosofia tradicional faz ao atribuir ao domínio das coisas o que na verdade pertence ao domínio semântico, ou seja, “predica-se das coisas o que repousa no modo de apresentação” (PI, 104). Trocando em miúdos, a filosofia tradicional confunde lógica e ontologia, enquanto Wittgenstein separa-os meticulosamente.

Wittgenstein, ao contrário da concepção tradicional de filosofia, não vai além das coisas para flagrar a essência delas, justamente porque para Wittgenstein a essência é evidente por meio de uma ordenação dos fatos gramaticais, e não é mais necessário desvendar a “estrutura real do mundo”. A simples descrição das conexões conceituais é suficiente para a percepção da essência. Para Wittgenstein, diversamente da filosofia tradicional que formulava questões ontológico-epistemológicas, as questões são todas semânticas.

Wittgenstein critica a filosofia tradicional porque suas proposições têm um caráter científico evidenciado pela construção de teorias, hipóteses e explicações do mundo, caracterizando-se assim como uma super-ciência, quando na verdade sua tarefa deveria ser a de descrever o funcionamento de nossa linguagem (PI, 109). Formular hipóteses, teorias, etc. é, segundo Wittgenstein, adotar uma opinião, e adotar uma opinião é ser parcial, que é exatamente o oposto da tarefa da filosofia:

“a nossa tarefa é apenas sermos imparciais, isto é, temos apenas que mostrar e dissolver as parcialidades da filosofia, mas não propor novos partidos e credos” (BT, p. 14).

Juntamente com essa recusa de formular teses ou teorias filosóficas aparece a idéia de que em filosofia não há um método argumentativo de articulação de premissas e conclusões. A argumentação deve dar-se unicamente com o intuito de dissolver falsos problemas através da linguagem. “Na filosofia não se tiram conclusões” (PI, 599).

Além disso, Wittgenstein deixa bem claro que o objetivo de saber utilizar a linguagem é evitar as confusões teóricas que surgem quando a linguagem não funciona mais, quando ela “sai de férias” (PI, 132).

As investigações filosóficas, então, não têm como meta um alargamento ou um aprofundamento no conhecimento das coisas, mas sim mostrar que conhecimento filosófico é um engodo advindo do uso inadequado da linguagem. “A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento através dos meios da linguagem” (PI, 109). Wittgenstein deve, portanto, encontrar o erro gramatical que deu origem a uma ilusão filosófica e encontrar também um modo de fazer o filósofo abandonar seu jeito particular de falar.

Caracterizou-se portanto, a idéia de filosofia como uma terapia cujo objetivo é curar a doença no entendimento do filósofo, doença essa que se mostra como uma má compreensão das formas de nossa linguagem. Essa má compreensão dará origem a um “vago desconforto mental” (M, p. 323) que por sua vez dará origem às perguntas filosóficas, aos problemas filosóficos. Segundo Wittgenstein, um problema filosófico tem a forma: “eu estou desorientado” (PI, 123) e esta desorientação só pode dizer respeito “a uma desorientação na linguagem, nas regras gramaticais” (PI, 203).

Segundo Wittgenstein, existem duas maneiras de curar essas perturbações: a primeira delas é respondendo à pergunta filosófica e a segunda é mostrando que tal questão não é permitida (M, p.323), e somente a segunda opção é satisfatória, pois a resposta ao problema filosófico não trará satisfação. Ele exemplifica da seguinte maneira: “Muitas vezes a maneira pela qual um quebra-cabeças é conduzido é essa: primeiramente, uma questão é formulada “O que é o tempo?” Essa questão faz parecer que o que queremos é uma definição. Erroneamente pensamos que uma definição é o que removerá o problema (como em certos casos de indigestão sentimos uma espécie de fome que não pode ser removida pelo comer). A questão é então respondida por uma definição errada ; digamos: “Tempo é o movimento dos corpos celestes” O próximo passo é ver que essa definição é insatisfatória. Mas isso apenas significa que não usamos a palavra “tempo” sinonimamente a “movimento de corpos celestes” Contudo, ao dizer que a primeira definição está errada, estamos agora tentados a pensar que devemos substituí-la por uma definição diferente, pela definição “correta” (BB,27).

A pretensão de Wittgenstein agora é apenas evitar mal-entendidos utilizando os jogos de linguagem que inventa como objetos de comparação que jogam luz sobre linguagem. Esses jogos de linguagem não são reveladores de nenhum tipo de sentido oculto das palavras, mas sim de um sentido presente em todas as proposições

bem construídas (PI, 130).

Através do método wittgensteiniano, ou seja, apontando para a contradição de nossas regras e para os diferentes usos das palavras, resolvem-se os problemas filosóficos, pois ao realizar a terapia lingüística os caminhos da linguagem tornam-se novamente conhecidos para os filósofos, e com as regras gramaticais mais claras nas suas cabeças, eliminam-se as contradições produtoras de inquietações. Sem inquietações, o filósofo vai deixar de colocar questões filosóficas para serem resolvidas, pois a origem de tais problemas e o conflito de regras sobre o qual repousam os mal-entendidos estarão evidentes para esse filósofo. Abandonou-se, então, o filosofar tradicional e, portanto, desapareceram as perturbações que incomodavam o filósofo, pois, não mais seduzido pela linguagem, o filósofo deixa de arremeter contra os limites da própria linguagem. "A verdadeira descoberta é aquela que me faz capaz de interromper o filosofar quando eu quero. -Aquele que traz a filosofia ao repouso, de modo que ela não mais é fustigada por questões que colocam ela mesma em questão" (PI, 133).

Apesar de haver alguma controvérsia a respeito da tranqüilidade como fim último da filosofia para Wittgenstein, não podemos negar que a remoção das perturbações é pelo menos uma das metas dele. Além disso, essa tranqüilidade intelectual, esse aspecto psicológico da terapia, tem sua contrapartida em um aspecto lingüístico caracterizado pela recondução das palavras de seu emprego metafísico para seu uso cotidiano (PI, 116).

Wittgenstein, porém, reconhece o valor das ilusões filosóficas, pois correspondem a enganos básicos que nos permitem refletir sobre nossa própria linguagem (PI, 111).

Já que a filosofia deixou de ser uma construtora de grandes teorias e sistemas, ela se constituirá em uma prática, uma atividade constante de "lavar" a linguagem para realizar a terapia. Mas essa nova filosofia é infundável, pois a linguagem continuará a sugerir falsas analogias e algumas pessoas enredar-se-ão nelas. Dessa maneira, novas terapias serão necessárias: "Mas então não chegamos de novo com o nosso trabalho a um fim! Realmente não, pois ele não tem nenhum" (Z, 447)

Após essa breve exposição do que é a filosofia para Wittgenstein, vamos examinar o problema central deste trabalho, que é exatamente o problema do ceticismo: já no *Tractatus Wittgenstein* combate o ceticismo dizendo que "o ceticismo não é irrefutável, mas manifestamente um contracenso, se pretende duvidar onde não se pode perguntar. Pois só pode existir dúvida onde exista uma pergunta; uma pergunta, só onde exista uma resposta; e esta, só onde algo possa ser dito" (TLP, 6.51). Mesmo no fim de sua vida, depois de haver refutado tudo que "o autor do *tractatus*" dizia, ele continuaria condenando o ceticismo, pois "se você tentar duvidar de tudo, você irá tão longe quanto duvidar de nada. O próprio jogo da dúvida pressupõe a certeza" (OC, 115).

Além dessa crítica no sentido de que a dúvida cética é carente de sentido, a crítica à assim chamada "linguagem privada" também seria uma crítica ao ceticismo, pois a posição solipsista que defende uma linguagem privada seria uma consequência das objeções céticas à posição realista. O argumento cético se daria no sentido de mostrar que não podemos conhecer os estados internos de outra pessoa;

ora, se o significado das palavras consiste na referência às experiências pessoais e se duas pessoas não podem ter a mesma experiência, não existe a possibilidade de comunicação e, por conseqüência, não posso atribuir à outra pessoa um estado interno meu: o que eu designo como “dor” só poderia referir-se à minha dor, e não à dor de outra pessoa. Esse argumento cético levaria inevitavelmente ao solipsismo e à linguagem privada. Wittgenstein mostra o absurdo da suposição de uma linguagem privada (PI, 243-315) e portanto o absurdo da postura cética.

Entretanto, segundo Plínio Junqueira Smith, em seu artigo sobre a relação entre Wittgenstein e o pirronismo ² “o ceticismo a que se referem Wittgenstein e seus comentadores é o ceticismo em sua forma moderna” pois a questão da dúvida e da certeza tal como ela é formulada no *On Certainty* tem origem na dúvida metódica cartesiana e na pretensão de negação do mundo físico de Berkeley, e a questão do solipsismo é estritamente moderna, pois desemboca no cogito cartesiano e no feixe de representações humano. Plínio Junqueira concorda que de fato Wittgenstein pouco tem a ver com o ceticismo moderno, mas afirma que ele se aproxima muito do ceticismo pirrônico. É dessa aproximação que tratarei a partir de agora.

Existem de fato vários pontos em comum entre Wittgenstein e Sexto Empírico³ Ambos vêem a filosofia como uma prática terapêutica onde o real não deve ser afirmado ou negado, mas apenas examinado, ou seja, a filosofia deve abster-se da formulação de teses. Tanto Wittgenstein como Sexto Empírico consideram que apenas a terapia filosófica pode trazer tranqüilidade ao filósofo.

Wittgenstein e Sexto também têm em comum o fato de que consideram que a filosofia dogmática é parcial, quando na verdade é função da filosofia ser imparcial, e essa imparcialidade pode ser alcançada através da terapia filosófica. Ainda com relação à terapia, ambos os filósofos afirmam que, para realizá-la é necessária uma certa habilidade, e além disso, nem o pirrônico, nem o wittgensteiniano tem a intenção de mostrar a um filósofo que ele está errado, mas sim mostrar a impossibilidade do seu discurso, no caso do wittgensteiniano, ou mostrar a impossibilidade de tomar como verdadeiro o seu discurso, no caso pirrônico.

Com respeito à ciência, tanto Wittgenstein como Sexto Empírico reconhecem que existe uma dimensão científica, mas a atividade científica está para além das atribuições do filósofo enquanto filósofo, pois a ciência lida com fatos, enquanto o filósofo lida com o discurso sobre os fatos e portanto, com a linguagem. Segundo Sexto Empírico, “o cético, sendo um amante da humanidade, deseja curar pelo discurso, segundo a sua capacidade, a presunção e a precipitação dos dogmáticos. (HP III, 280). Wittgenstein também propõe a cura da doença do entendimento através da linguagem: “A filosofia é uma luta contra o enfeitamento de nosso entendimento com os meios de nossa linguagem” (PI, 109).

O conceito de análise lógica também é uma ponte de ligação entre Wittgenstein e Sexto Empírico, pois tanto para um como para outro não existe um sentido oculto da nossa linguagem, e portanto o bom uso da linguagem é o uso ordinário, que não necessita de nenhuma técnica especial. “O sentido do discurso está na superfície” ⁴

Uma outra idéia importante partilhada por esses dois filósofos é que mesmo o filósofo deve falar como todo mundo e empregar as palavras como elas usualmente são empregadas. O discurso a ser utilizado pelo filósofo é o discurso comum, sem

compromissos ontológicos. Mesmo o discurso filosófico deve ser evitado, pois ele geralmente “pretende estabelecer verdades sobre o real.”⁵

Ambos reconhecem também que a linguagem é mutável e nada impede que se cunhem novas palavras ou novos significados para uma determinada palavra. Porém, as mudanças na linguagem devem dar-se no uso prático das palavras para evitar confusões no uso prático da linguagem (PI, 132), “ pois se a ambigüidade é uma palavra ou frase tendo dois ou mais significados e se é por convenção que as palavras têm significado, então todas as ambigüidades que podem ser utilmente esclarecidas isto é, tais como ocorrem no curso de alguma questão prática serão esclarecidas não pelo dogmático, mas pelos artesãos treinados em cada uma das várias artes, pois estes têm experiência pessoal da maneira convencional que adotaram por si mesmos ao usar os termos para denotar os objetos significados. (HP II, 256).

Mais um ponto em comum: a tarefa da filosofia é infundável. O modo de tratar as questões filosóficas, tanto por Wittgenstein quanto pelos pirrônicos, condena-os à investigação infinita pela própria lógica interna de suas reflexões. Finalmente devemos reconhecer que, tanto na opinião de Wittgenstein quanto na dos pirrônicos, a filosofia dogmática deve ser completamente extirpada da vida, porque a própria vida está aquém das disputas filosóficas. O dogmatismo, para Wittgenstein, “é como um par de óculos em nosso nariz, através do qual nós vemos qualquer coisa que olhamos. Nunca nos ocorre tirá-los.” (PI, 103). Porém, se os tirássemos, veríamos as coisas como elas realmente são. Sexto também nos alerta que “é suficiente viver empiricamente e sem opinar de acordo com as observações e prenoções comuns”(HP II, 246).

Apesar de todas essas semelhanças, devemos ter muito cuidado com a aproximação de Wittgenstein e Sexto Empírico, pois todas essas semelhanças se dão quando lançamos um olhar panorâmico entre essas duas filosofias. Vistas de perto elas são extremamente diferentes. Vamos analisar as diferenças existentes entre esses dois filósofos e, depois de feita essa análise estaremos aptos para julgar se é mesmo possível afirmar, como faz Plínio Junqueira, que essas semelhanças “parecem justificar a caracterização da concepção de filosofia de Wittgenstein como pirrônica”⁶.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à terapia filosófica, existem profundas diferenças entre a terapia wittgensteiniana e a pirrônica. Para Wittgenstein o dogmatismo aparece quando o pensador é envolvido pela própria dinâmica da linguagem e acaba utilizando as palavras fora do seu uso comum, ou seja, utiliza as palavras como se elas tivessem um sentido profundo que pudesse conduzir às grandes verdades metafísicas. Para combater esse mau uso das palavras, e portanto da linguagem, a atividade do filósofo wittgensteiniano é lembrar o uso comum das palavras para o pensador embriagado na metafísica, através dessa lembrança descrever o funcionamento da nossa linguagem ordinária e demonstrar assim, ao dogmático, que ele não poderia estar dizendo aquilo que ele dizia.

A noção de terapia em Sexto Empírico é completamente diferente: o que envolve o dogmático, na opinião do pirrônico, não é a linguagem, mas sim o amor próprio, pois o dogmático não analisa um problema por todos os ângulos antes de definir sua

posição; na sua arrogância ele simplesmente assume suas opiniões próprias por preferí-las e, dessa maneira, incorre num dogmatismo precipitado. A solução que o pirrônico propõe é opor à opinião do dogmático uma opinião contrária e equivalente para demonstrar a impossibilidade de se optar por uma das duas. Como não se pode optar por nenhuma das duas, deve-se suspender o juízo e não se pronunciar a favor de nenhuma das duas opiniões.

Com essa breve descrição da diferença entre a terapia proposta por Wittgenstein e a proposta por Sexto Empírico, podemos concluir muitas coisas: em primeiro lugar, e mais evidentemente, percebemos que as noções de terapia são completamente diferentes quando analisadas um pouco mais detalhadamente. Além disso, nós tínhamos visto que a filosofia dogmática era considerada parcial por ambos filósofos, e tanto Wittgenstein como Sexto afirmavam que a imparcialidade era conseguida através da terapia; nós acabamos de ver quão diferente é essa imparcialidade: o wittgensteiniano é imparcial porque mostra a impossibilidade da afirmação dogmática e, por conseqüência, a impossibilidade de assumir tal afirmação como verdadeira ou falsa; o pirrônico é imparcial porque suspende o juízo diante de duas afirmações equivalentes, o que é simplesmente o oposto da posição wittgensteiniana.

Tanto Sexto como Wittgenstein afirmavam ser necessário uma habilidade específica para combater o dogmatismo, e nós vimos que essas habilidades são completamente diferentes: o pirrônico deve ter a habilidade de formular afirmações opostas às do dogmático, enquanto o wittgensteiniano deve desenvolver a habilidade de dissolver tais afirmações através da própria linguagem.

Nem o wittgensteiniano, nem o pirrônico, têm a intenção de mostrar ao dogmático que ele está errado: o wittgensteiniano, como já foi dito, dissolve a afirmação demonstrando sua impossibilidade, e o cético, como também já foi dito, suspende o juízo pela impossibilidade de escolha entre argumentos opostos e eqüipotentes. Novamente eles estão fazendo aparentemente a mesma coisa, porém o método é completamente diferente.

Finalmente, temos o fato de que em ambos os casos tanto para Wittgenstein como para Sexto Empírico, a tarefa da filosofia é infundável. Isso não é bem verdade no caso do pirronismo, pois o pirronismo está aberto à possibilidade de "reconhecer que finalmente a 'verdade' foi alcançada"⁷ enquanto que a concepção wittgensteiniana não considera essa possibilidade, pois as afirmações dogmáticas não devem sequer ser ditas. Dessa maneira, ainda que seja altamente improvável que o pirronismo identifique a verdade, existe essa possibilidade, estando condenado à tarefa infinita somente a terapia wittgensteiniana.

Existem porém alguns pontos em que realmente a filosofia de Wittgenstein e o pirronismo estão de acordo: de fato, tanto o wittgensteiniano quanto o pirrônico estão de acordo quando dizem que a ciência está além das atribuições da filosofia enquanto filosofia; estão de acordo também quando dizem que o bom uso da linguagem é o uso ordinário, e portanto o filósofo deve falar como todo mundo; outro ponto de concordância é o fato de que ambos consideram a linguagem como essencialmente mutável e, finalmente, estão de acordo a respeito da filosofia dogmática: ela deve ser extirpada. Porém, convenhamos: dos quatro pontos de convergência, o primeiro (relacionado à ciência), o segundo (relacionado ao uso da linguagem) e o

terceiro (relacionado à mutabilidade da linguagem), não têm como consequência lógica que a filosofia de Wittgenstein pode ser vista como um pirronismo. O quarto ponto de convergência, que diz respeito à extirpação do dogmatismo, pode nos deixar em dúvida. Mas nós devemos considerar que do simples fato de Wittgenstein e Sexto Empírico estarem de acordo quanto ao dogmatismo não se segue que ambos são céticos.

Creio ter conseguido, neste breve trabalho, executar uma análise bem simples e superficial sobre as diferenças entre a filosofia de Wittgenstein e a de Sexto Empírico. É claro que não foi minha pretensão esgotar esse assunto extremamente rico em tão poucas páginas, pois com certeza ainda há muito que se explorar.

NOTAS

1. Ver por exemplo KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo, Perspectiva, s/d.
2. SMITH, P. J. "Wittgenstein e o pirronismo: sobre a natureza da filosofia" in *Analytica*, vol. I, n. 1, 1993.
3. Para expor esses pontos em comum segui estritamente a argumentação de Plínio Junqueira. Inclusive as citações das Hipotiposes Pirrônicas foram extraídas do seu texto.
4. Smith, P. J. *idem*, p. 175.
5. *Idem*, *ibidem*, p. 176
6. *Idem*, *ibidem*, p. 178.
7. *Idem*, *ibidem*, p. 177.